

O ENSINO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM SANTA CATARINA: CARACTERÍSTICAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS¹

Camila Rodrigues de Moraes Camargo²

Dra. Carolina Bunn Bartilotti³

Resumo: O presente estudo objetivou caracterizar o ensino da Avaliação Psicológica em Instituições de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina, identificando o perfil científico e profissional dos docentes que ministram disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica nos cursos de graduação em Psicologia; as ementas, objetivos e cargas horárias dessas disciplinas/ unidades de aprendizagem; as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes; os desafios percebidos por eles em sua prática profissional; e por fim, a relação afetiva-emocional, comportamental e cognitiva desses docentes com o ensino da Avaliação Psicológica. Participaram total ou parcialmente da pesquisa 13 docentes, por meio de um questionário *online* e anônimo. A pesquisa classificou-se quanto aos objetivos em descritiva, quanto a sua abordagem em quantitativa, de corte transversal e delineou-se como um levantamento. Os resultados da pesquisa indicam que o ensino da Avaliação Psicológica em Santa Catarina caracteriza-se ainda em um movimento predominantemente tecnicista, com um enfoque maior na testagem psicológica, muito embora, tenha-se observado um deslocamento da compreensão da Avaliação Psicológica como testagem, para uma Avaliação Psicológica como processo complexo que tem como objetivo conhecer fenômenos psicológicos por meio de diversas fontes de informação. Considera-se imprescindível o engajamento dos docentes de Avaliação Psicológica com pesquisa científica, com psicomетria e processos de construção de medidas psicológicas e com a compreensão de uma Avaliação Psicológica complexa, crítica e fundamentada, para que o ensino e a prática da Avaliação Psicológica no Estado de Santa Catarina expanda-se para além da simples aplicação e correção de testes psicológicos, mas, primordialmente como uma área do conhecimento capaz de pensar criticamente, produzir conhecimento, propor mudanças, criar e aprimorar instrumentos de medidas, a serviço dos sujeitos e sociedade.

Palavras-chave: Ensino. Avaliação Psicológica. Formação Profissional.

INTRODUÇÃO

A Avaliação Psicológica é compreendida como um processo complexo que tem como objetivo conhecer fenômenos e processos psicológicos, por meio de um conjunto de procedimentos científicos que visam responder a uma determinada demanda, produzir hipóteses ou diagnósticos, descrever o funcionamento intelectual de determinado sujeito, apontar aptidão ou inaptidão de uma pessoa para realizar determinada tarefa, entre outras possibilidades (HUTZ, 2015a; CRUZ, 2002). Hutz (2015b) aponta que os processos de Avaliação Psicológica podem permear diversos campos de atuação do psicólogo, abrindo caminho para demais intervenções, caracterizando-se, portanto, como um campo

¹ Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo. Palhoça, 2018.

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mail: camila.monitoriaunisul@gmail.com

³ Orientadora Prof^ª Carolina Bunn Bartilotti, Dra.

fundamental para a ciência psicológica. Dessa forma, conforme Primi (2003, p. 68 apud PRIMI, 2010):

A Avaliação Psicológica é geralmente entendida como uma área aplicada, técnica, de produção de instrumentos para o psicólogo, visão certamente simplista da área. A Avaliação Psicológica não é simplesmente uma área técnica produtora de ferramentas profissionais, mas sim a área da Psicologia responsável pela operacionalização das teorias psicológicas em eventos observáveis. Com isso, ela fomenta a observação sistemática de eventos psicológicos, abrindo os caminhos para a integração teoria e prática. Ela permite que as teorias possam ser testadas, eventualmente aprimoradas, contribuindo para a evolução do conhecimento na Psicologia. Portanto, a avaliação na Psicologia é uma área fundamental de integração entre a ciência e a profissão. Disso decorre que o avanço da Avaliação Psicológica não é um avanço simplesmente da instrumentação, mas sobretudo das teorias explicativas do funcionamento psicológico.

Hutz (2015a) e CFP (2013) assinalam que, embora a testagem psicológica possa ser parte (nem sempre e não obrigatoriamente) da Avaliação Psicológica, por vezes é usada como sinônimo de Avaliação. Dessa forma, torna-se relevante demarcar o campo disciplinar da Avaliação Psicológica, uma vez que este é relevante à estruturação de um conjunto de procedimentos que sejam capazes de responder às demandas sociais e científicas, de maneira integrada. Nessa perspectiva, Cruz (2002) criou um esquema definidor da área de conhecimento da Avaliação Psicológica, que compreende tal processo quanto às características do objeto alvo da avaliação (fenômenos ou processos psicológicos); do campo teórico (campos contextuais que se encontram no estado da arte do conhecimento); do objetivo visado (demanda do processo); e do método (condição através da qual é possível conhecer o objeto).

A Avaliação Psicológica constitui-se então, como um processo amplo que envolve a integração das informações de diversos métodos de avaliação, denominados pela Resolução CFP nº 009/2018 como fontes fundamentais e complementares de informação, dentre elas as entrevistas psicológicas, testes psicológicos, observações, análise de documentos e processos grupais. Já a testagem psicológica refere-se a um processo limitado a coleta de informações a partir, exclusivamente, da aplicação e da análise de testes psicológicos de diferentes tipos (CFP, 2013).

Historicamente, entretanto, a clareza na definição do campo disciplinar da Avaliação Psicológica e sua diferenciação quanto um processo complexo aos procedimentos de testagem ocorreu de forma processual, e ainda é um desafio para aqueles que se debruçam sobre essa área do conhecimento. Anastasi e Urbina (2000),

Hutz (2015a) e Primi (2010) discutem que a Avaliação Psicológica é um dos campos de saber mais antigos e problematizados na Psicologia, como ciência e profissão. Dentre outras discussões, Anastasi e Urbina (2000) destacam a ênfase histórica da testagem psicológica, voltada por exemplo, para a seleção de soldados nas guerras e de pessoal nas indústrias, e ainda na medição de aspectos da inteligência nos conhecidos testes de Binet (SILVA, 2011).

Hutz (2015a) aponta ainda, que a testagem moderna se iniciou na França no início do século XX, enquanto, no Brasil, a História da Avaliação Psicológica entrelaçou-se com a História da própria Psicologia. Em 1907, Hutz (2015a) indica que havia laboratórios realizando pesquisas nessa área, e no ano de 1924, os autores Gomes (2009) e Hutz e Bandeira (2003), ambos citados por Hutz (2015a), apontam para a primeira publicação sobre testes psicológicos, de Medeiros Costa, no Brasil. Dessa forma, o campo da Avaliação Psicológica foi disseminado, na História da Psicologia no Brasil, como um movimento tecnicista marcado por procedimentos de testagem psicológica, fator que desencadeou desafios a serem superados pelos posteriores estudiosos do tema.

Noronha et al (2010) demarcam o relevante papel do Conselho Federal de Psicologia (CFP), bem como outras organizações, como o Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) nas discussões acerca da Avaliação Psicológica, debatendo questões pertinentes a má qualidade dos instrumentos utilizados pelos psicólogos brasileiros em processos avaliativos, sobretudo os testes psicológicos, assim como a carência de fundamentação teórica nos processos de avaliação. Hutz (2015a) converge para o exposto, ressaltando que, nos últimos anos, a temática da Avaliação Psicológica fez-se presente em diversos textos norteadores e pesquisas voltadas à qualidade dos trabalhos realizados em processos de Avaliação e seu ensino.

Noronha e Reppold (2010) contribuem discutindo que, além dos documentos norteadores da prática em Avaliação Psicológica, considera-se também relevante a implementação do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (Satepsi), desenvolvido pelo CFP no ano de 2003, potencializado pelo Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP) e pela Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos (ASBRo). Primi e Nunes (2010) descrevem que o Satepsi emergiu de discussões acerca do número elevado de processos éticos envolvendo a Avaliação Psicológica, bem como a pouca existência de estudos científicos que comprovassem a eficiência dos testes psicológicos como técnica de avaliação. Nessa perspectiva, o Satepsi surgiu como um sistema de certificação de testes psicológicos para uso profissional que avalia a adequação

ou inadequação desses instrumentos para o uso, a partir da verificação de alguns requisitos técnicos mínimos (PRIMI; NUNES, 2010).

Contudo, apesar de Primi e Nunes (2010) e Reppold e Gurgel (2015) destacarem os avanços no campo da Avaliação Psicológica após a implementação do Satepsi, por meio do estabelecimento de padrões de qualidade dos testes psicológicos e do controle indireto sobre a aplicação de instrumentos não reconhecidos cientificamente na prática profissional, os autores Primi e Nunes (2010) evidenciam que tal medida não deu conta de solucionar o que denominam de “essência do problema”, que consiste, na perspectiva desses autores, na qualidade da formação profissional do psicólogo, especialmente no que tange aos conhecimentos de psicometria. Sabe-se que, de acordo com o que considera a Resolução CFP nº 009/2018, em seu Artigo 1º, parágrafo 2º, o profissional psicólogo/a tem como dever decidir quais são os métodos, técnicas e instrumentos empregados nos processos de Avaliação Psicológica pelos quais é responsável, desde que devidamente fundamentados na literatura científica e nas normativas vigentes do CFP. Ainda, na mesma resolução, estabelece-se que é responsabilidade do psicólogo/a manter contínuo aprimoramento profissional e pelo desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática.

Todavia, cabe demarcar que, apesar da contribuição e da importância histórica do Satepsi, desde sua implementação, para a legitimação dos processos de Avaliação Psicológica que utilizam dos testes para medir fenômenos e processos psicológicos, esse sistema de avaliação de instrumentos psicológicos não deve ser pensado nem articulado como um mecanismo que exime os profissionais psicólogos de sua responsabilidade de realizar uma escolha técnica-científica, considerando os parâmetros psicométricos dos métodos de avaliação, mais especificamente dos testes psicológicos, mais adequados para cada contexto, público alvo e objeto da avaliação.

Nessa perspectiva, do que versa a Resolução CFP nº 009/2018, observa-se a importância de os psicólogos estarem capacitados a conhecer e compreender teórica e tecnicamente os métodos de Avaliação Psicológica, reconhecendo suas limitações para cada contexto e buscar o aperfeiçoamento sempre que necessário, uma vez que a escolha dos instrumentos, técnicas ou métodos de avaliação perpassarão, obrigatoriamente, pela responsabilidade técnica e ética do profissional. Em resumo, poder-se-ia afirmar que o cerne da questão da qualidade do trabalho em Avaliação Psicológica está diretamente relacionado as questões relativas ao ensino da Avaliação Psicológica nas universidades e ao constante aprimoramento profissional posterior, premissa defendida por Hutz (2015a),

Noronha e Reppold (2010), Primi e Nunes (2010), Noronha et al (2005), entre outros autores.

Gouveia (2009) refere que o campo da Avaliação Psicológica vem evoluindo significativamente no Brasil, sobretudo sob duas perspectivas: a de um crescimento vertical, de aprimoramento à qualificação de profissionais, e de um crescimento horizontal, expandindo-se para além da simples aplicação e correção de testes psicológicos, mas fundamentalmente como uma área do conhecimento capaz de pensar criticamente sobre o processo complexo da Avaliação Psicológica, propor mudanças, criar e aprimorar instrumentos de medidas, a serviço dos sujeitos e da sociedade. Gouveia (2009) pontua o crescimento horizontal da área do conhecimento da Avaliação Psicológica como, categoricamente, um dos desafios permanentes daqueles que trabalham a favor de uma Avaliação Psicológica crítica, ética e política, desafio fronteiriço ao ensino, destacado como um dos mais relevantes desafios da Avaliação Psicológica (FREIRES ET AL, 2017; HUTZ, 2015a; HUTZ, 2015b; BARDAGI ET AL, 2015; PRIMI E NUNES, 2010; PRIMI, 2010; NORONHA e REPPOLD, 2010; NORONHA ET AL, 2010; PAULA, PEREIRA e NASCIMENTO, 2007; NORONHA, NUNES e AMBIEL, 2007; NORONHA ET AL, 2005; CRUZ, 2002; e ALVES, ALCHIERI e MARQUES, 2002).

Nessa perspectiva, muitos pesquisadores brasileiros contribuíram para os avanços em Avaliação Psicológica, como ciência e profissão. Gouveia (2009) estrutura esses profissionais e pesquisadores em três gerações: a primeira geração, que reúne nomes como André Jacquemin (USP), Cícero Vaz (PUC-RS), Cláudio Hutz (UFRGS), Jurema Alcides Cunha (PUC-RS), Luiz Pasquali (UnB) e Solange Wechsler (UNICAMP), que tiveram como fio condutor de seus trabalhos a emergência dos laboratórios de Avaliação Psicológica; a segunda geração, fundamentada nos trabalhos da primeira, que inclui os professores Ana Paula Porto Noronha (USF), Denise Bandeira (UFRGS), João Carlos Alchieri (UFRN), Elisabeth Nascimento (UFMG), Ricardo Primi (USF), Roberto Moraes Cruz (UFSC), entre outros, que tiveram como principal contribuição não sucumbir a Avaliação Psicológica brasileira e incorporar novas tecnologias à área do conhecimento; e por fim, a terceira geração, a mais atual, que tem como principal foco impulsionar a área da Avaliação Psicológica, incorporando os conhecimentos da primeira e da segunda gerações, mas não se limitando a elas. Alguns nomes da terceira geração podem ser citados: Carlos Henrique Nunes (UFSC), Caroline Reppold (UFCSPA), Fabián Rueda (USF), entre outros (GOUVEIA, 2009).

Partindo dessa estruturação, realizada por Gouveia (2009), é facilmente identificado o papel fundamental das pesquisas e inovações científicas no campo da Avaliação Psicológica para a expansão da Psicologia como ciência e profissão, formação de profissionais e pesquisadores engajados, bem como a catalisação de uma visão social e acadêmica da Avaliação Psicológica como um processo complexo de conhecer fenômenos e processos psicológicos, tal qual versa Cruz (2002). Para isso, imergir no campo do ensino da Avaliação Psicológica é fundamental e necessário.

Nessa perspectiva, de acordo com Cruz (2016), um curso de Psicologia é um programa de ensino-aprendizagem composto por um conjunto organizado de disciplinas técnico-científicas e atividades de pesquisa, extensão e estágios, designado de currículo, orientado, normalmente, por uma gestão da atividade docente e de administração, ao longo de um tempo relativamente longo. Os cursos de Psicologia, em geral, nessa perspectiva, segundo Botomé & Rizzon (1997) e Archer, Serafim & Cruz (2016a) apud Cruz (2016), são dirigidos por objetivos de ensino, que devem expressar habilidades e competências que são essenciais ou ainda complementares ao exercício profissional do psicólogo, e que devem ser desenvolvidas ou aperfeiçoadas ao longo da formação profissional na graduação. Em suma, o desenvolvimento dessas habilidades e competências está diretamente associado a qualidade da formação e da atualização técnico-científica dos programas de ensino aprendizagem que são construídos para este fim (CRUZ, 2016).

Noronha (2003), referenciando Pfromm Netto (1991), assinala que a formação do psicólogo no Brasil tem como objetivos preparar o profissional para a atuação; propiciar ao estudante uma gama diversificada de conhecimentos, habilidades, atitudes e procedimentos de forma a caracterizar a Psicologia como ciência e profissão; contribuir para a ciência psicológica; e por fim, estimular saberes e fazeres brasileiros. De modo geral, Cruz (2016) aponta a graduação em Psicologia como um programa que capacita pessoas para intervir e atender as demandas sociais e necessidades humanas, e por esse motivo, produzir conhecimento sobre a formação profissional do psicólogo é “condição relevante e necessária à afirmação da profissão de psicólogo na sociedade” (CRUZ, 2016, p. 506).

Freires et al (2017), Nunes et al (2012), Noronha e Reppold (2010), Noronha et al (2005) e Lo Bianco et al (1994) apontam o ensino da Avaliação Psicológica como um dos mais relevantes pontos na constituição da formação em Psicologia. Lo Bianco, Bastos, Nunes e Silva (1994), ao refletirem sobre as bases para a formação em Psicologia no

âmbito da clínica, contribuem que há uma importante relevância em desenvolver a articulação do pensamento clínico na graduação, e ainda segundo esses autores, a Avaliação Psicológica mostra-se um importante aspecto que poderá subsidiar tal habilidade.

Noronha e Reppold (2010) e Noronha et al (2005) discutem que, no que se refere à formação em Psicologia e seus desafios, a falta de excelência nos processos de Avaliação Psicológica deve estar relacionada à falta de competências profissionais, que deveriam ser adquiridas na graduação e atualizadas ao longo da trajetória profissional. Segundo esses estudos, o conteúdo abordado nas grades curriculares dos cursos de graduação em Psicologia refere-se, de modo geral, a administração e a avaliação de algumas técnicas, e não raro é permeado de uma visão muito fragmentada dos processos avaliativos. É nessa perspectiva que é defendida pelos autores a noção de que os psicólogos brasileiros não são formados para pesquisar, nem tampouco para construir materiais. Esse fenômeno, tal qual descreve Cruz (2002), consiste no paradoxo dos profissionais psicólogos não produzirem ciência, porém acreditarem em sua lógica absoluta, desenvolvendo uma visão acrítica acerca da Psicologia e, mais especificamente, neste caso, da Avaliação Psicológica.

Dessa forma, visto que a Avaliação Psicológica vem sendo praticada e ensinada com frequência de maneira isolada e acrítica, é possível construir a hipótese de que a Avaliação ainda é compreendida, em grande escala, como testagem psicológica ou aplicação de instrumentos, assim como é pontuado por Hutz (2015a). Ora, se a Avaliação Psicológica é entendida, assim como descrito por Cruz (2002), como uma compreensão de objeto, campo teórico, objetivo visado e método, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia⁴ instituem a importância do tripé ensino, pesquisa e exercício da prática profissional, porque o ensino da Avaliação Psicológica se dá, predominantemente, com ênfase no ensino da aplicação de alguns métodos de avaliação específicos? Será que o ensino sobre instrumentos de medida de Avaliação Psicológica, por meio de aplicações em sala de aula, são suficientes para instrumentalizar os profissionais para uma avaliação fundamentada e crítica?

Noronha, Nunes e Ambiel (2007), ao realizarem um estudo com o objetivo de investigar a importância conferida e a percepção do domínio de estudantes de Psicologia

⁴ RESOLUÇÃO Nº 5, DE 15 DE MARÇO DE 2011 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia.

quanto às competências de Avaliação Psicológica, constataram que, no que se refere às noções de estatística, não há uma atitude favorável dos alunos para com essa área. Tal constatação configura-se, segundo os autores, como um desafio para os professores que ministram conteúdos relacionados à Avaliação Psicológica nas universidades, uma vez que são as noções de estatística que fundamentam a ciência psicométrica, e conseqüentemente, uma compreensão fundamentada e crítica para com os processos e os métodos avaliativos. Nessa perspectiva, pensar em um processo de Avaliação Psicológica para além de aplicações e interpretações de testes psicológicos, fundamentado na compreensão de objeto, campo teórico, objetivo visado e construção de métodos a serem utilizados nos processos avaliativos, tal qual sustenta Cruz (2002), implica em desenvolver sólidas competências no ensino da Avaliação Psicológica relacionadas à ciência psicométrica, invariavelmente.

Tal despreparo na formação de psicólogos/as no que tange à pesquisa científica, produção de conhecimento e construção de materiais, bem como as demonstrações da fragmentação do ensino e atuação em Avaliação Psicológica, citados até aqui, são fatos relevantes para articular com os dados obtidos por Frizzo (2004) em um estudo documental que teve como objetivo pesquisar as principais infrações éticas denunciadas no período de 1992 a 2003 no CRP/12. Segundo a autora, 46,15% das infrações éticas denunciadas estavam relacionadas às práticas relativas aos processos de Avaliação Psicológica, seguidas pelas falhas de relacionamento com outros profissionais e clientes com 25,64%. A relação estabelecida entre o índice elevado de processos éticos denunciados decorrentes de processos de Avaliação Psicológica, identificado por Frizzo (2004) e as grades curriculares dos cursos de Psicologia perpetuadoras de uma visão fragmentada e acrítica do processo de avaliação estudadas por Freires et al (2017), apontam para uma necessidade importante de estudos e pesquisas sobre a temática do ensino da Avaliação Psicológica e seu papel ético e político na sociedade atual.

Logo, é possível problematizar: estão os psicólogos preparados para realizar processos de Avaliação Psicológica, manejar seus métodos de acordo com as demandas e produzir conhecimento crítico e instrumentos decorrentes dessa prática? Estão os psicólogos capacitados teórica e tecnicamente para compreender os fundamentos psicométricos dos instrumentos de Avaliação Psicológica? Noronha et al (2005) pontuam, na tentativa de responder tais questionamentos, que os critérios de escolha de métodos de Avaliação Psicológica, bem como o manejo dessa prática, costumam ficar à mercê daquilo que é usualmente utilizado pela categoria profissional e pela comunidade docente,

fator que indica que os psicólogos brasileiros não estão capacitados para compreender e escolher de forma fundamentada métodos que visam conhecer fenômenos e processos psicológicos em um processo de avaliação, considerando os preceitos da psicometria, por exemplo.

Castro (2013) discute que estudar como o ensino da Avaliação Psicológica é sistematizado nas grades curriculares das universidades, bem como “quais instrumentos são apresentados aos acadêmicos e as estratégias adotadas para a aprendizagem permeiam a caracterização dessa importante área de formação e atuação” (CASTRO, 2013, p.82). Entretanto, as autoras do presente artigo entendem, a partir das leituras realizadas (FREIRES ET AL, 2017; BARDAGI ET AL, 2015; PRIMI, 2010; NORONHA e REPPOLD, 2010; NORONHA ET AL, 2010; PAULA, PEREIRA e NASCIMENTO, 2007; NORONHA, NUNES e AMBIEL, 2007; NORONHA ET AL, 2005; CRUZ, 2002; e ALVES, ALCHIERI e MARQUES, 2002), que a caracterização do ensino da Avaliação Psicológica não perpassa somente por “quais instrumentos são apresentados” aos acadêmicos de Psicologia, mas, principalmente, os fundamentos do processo de Avaliação Psicológica, das questões legais e éticas envolvidas, da construção dos instrumentos de Avaliação, assim como as reflexões acerca do processo de escolha das técnicas de avaliação a partir da identificação e compreensão da demanda norteadora do processo. Assim, partiu-se de tal entendimento para realizar a pesquisa neste artigo descrita e discutida.

Portanto, o estudo e a reflexão sobre a formação e o ensino da Avaliação Psicológica, de forma a caracterizar como ocorre o ensino de Avaliação Psicológica em Instituições de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina, mostra-se importante para apontar melhorias a serem feitas na formação profissional dos Psicólogos, produzir conhecimento nessa área ainda tão permeada de dúvidas e questionamentos, mapear quais são os pontos facilitadores e dificultadores de uma prática em Avaliação Psicológica de forma crítica, ética e política, e, por fim, fornecer embasamento quantitativo para que sejam revistos os currículos em Psicologia e potencializar o que Noronha e Reppold (2010) mencionam como o reconhecimento social dos processos avaliativos.

MÉTODO

Visto os objetivos do estudo, fez-se necessário um método que valorizasse aspectos primordialmente quantitativos, de modo a identificar o perfil científico e

profissional dos docentes que ministram disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica nos cursos de graduação em Psicologia; as ementas, objetivos e cargas horárias das disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica; as estratégias de ensino utilizadas no ensino pelos docentes; desafios percebidos por eles em sua prática profissional; e a relação afetiva-emocional, comportamental e cognitiva desses docentes com o ensino da Avaliação Psicológica. Assim, a pesquisa se classificou quanto aos objetivos como descritiva, quanto a sua abordagem como quantitativa, de corte transversal e delineou-se como um estudo de levantamento.

Instrumento:

O instrumento de coleta de dados da pesquisa constituiu-se por um questionário anônimo que contemplou itens relacionados aos objetivos específicos da pesquisa e suas respostas apresentaram diferentes níveis de mensuração. Compôs, como parte do questionário, uma escala de atitudes referentes a relação afetivo-emocional, comportamental e cognitiva estabelecida pelos docentes em relação ao ensino da Avaliação Psicológica. O objetivo primordial do instrumento foi o de coletar dados que pudessem favorecer a contraposição e a articulação de aspectos curriculares, formativos e acadêmicos a aspectos afetivo emocionais, comportamentais e cognitivos, que compreendem a dimensão da atitude do docente em relação ao seu fazer no ensino da Avaliação Psicológica.

O instrumento de coleta de dados foi construído e disponibilizado aos participantes pelo site *onlinepesquisa.com*⁵. O questionário foi, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina- UNISUL⁶, submetido a um procedimento de testagem piloto, com três professores/ pesquisadores de Avaliação Psicológica de fora do Estado de Santa Catarina.

Participantes

O público alvo da pesquisa compreendeu docentes de disciplinas ou unidades de aprendizagem afins à temática da Avaliação Psicológica de cursos de graduação em Psicologia de Instituições de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina, sendo elas

⁵ O site *onlinepesquisa.com* refere-se a um portal eletrônico que disponibiliza ferramentas para a criação de questionários e de formulários possíveis de serem mantidos em total sigilo.

⁶ Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina: 2.878.667.

faculdades, universidades ou centros universitários, nas modalidades pública, privada ou comunitária.

Procedimentos

Para abranger o público alvo, em sua representatividade amostral, inicialmente, prospectou-se contatar os participantes por meio de um contato inicial com as Instituições de Ensino Superior credenciadas pelo Ministério da Educação (MEC) e, posteriormente, via contato eletrônico, diretamente com os professores vinculados a área da Avaliação Psicológica indicados por essas instituições.

Para isso, inicialmente, foram mapeadas 30 Instituições de Ensino Superior no Estado de Santa Catarina, com 42 polos de ensino credenciados pelo (MEC, 2018) com situação ativa que ofereciam o Curso de Psicologia. Foram realizadas três tentativas de contato via *e-mail* com as coordenações e secretarias de ensino de Psicologia das universidades. Devido à escassez de respostas obtidas, foram realizados contatos telefônicos com todas instituições de ensino superior, resultando no envio de contatos eletrônicos de docentes de três cursos de graduação, sendo que apenas um curso enviou os documentos necessários para as instituições envolvidas com a pesquisa.

Devido à dificuldade de contatar e obter resposta dos cursos de graduação em Psicologia do Estado, realizou-se uma mudança no método prospectado, e o instrumento de coleta de dados foi enviado a partir dos contatos da rede de relacionamentos das pesquisadoras, e também para todos os *e-mails* dos cursos de Psicologia do Estado. Foram enviados três *e-mails*, para 33 profissionais e 32 cursos de graduação em Psicologia do Estado de Santa Catarina, no período de três semanas, bem como foram disparadas mensagens de texto via aplicativo *WhatsApp*, e postagens no *Facebook*, a fim de divulgar a pesquisa. Solicitou-se para os remetentes que repassassem o *link* do instrumento de coleta de dados para sujeitos de pesquisa em potencial.

Análise de dados:

Após a fase de coleta de dados, que ocorreu no período de três semanas, o *link* do questionário foi fechado, e os dados foram tabulados em planilha *Excel*. A pesquisa teve um total de 30 respondentes, sendo que destes, apenas 8 responderam o questionário em sua totalidade, 5 docentes não concluíram sua participação e 17 não responderam o questionário, isto é, apenas aceitaram as condições para participar da pesquisa, porém não

responderam nenhum item apresentado. Dessa forma, devido a respostas incompletas, algumas análises foram realizadas com um menor número de dados.

Os dados foram interpretados e analisados por meio de estatística descritiva, a partir da literatura já produzida sobre a temática do ensino da Avaliação Psicológica no Brasil. Dentre os 13 respondentes totais e parciais, todas as participantes declararam-se do sexo feminino, com em média 40 anos. Geograficamente, as respostas dos docentes distribuíram-se com 30,7% lecionando em instituições de ensino superior do Oeste de Santa Catarina. As demais respondentes dividiram-se entre litoral, norte e sul, cada qual com 15,3% dos participantes, e Florianópolis e Vale do Itajaí contaram com 7,6% das participantes cada. A categoria na qual as instituições de ensino superior se enquadram foram de 61,5% das respostas em universidades comunitárias, seguida de 15,3% das respostas em universidades privadas e 15,3% em faculdades privadas. Dessa forma, cabe expressar a participação relevante de universidades comunitárias, sobretudo do Oeste de Santa Catarina.

ANÁLISE DE RESULTADOS

Embora diversas estratégias de divulgação do estudo tenham sido empenhadas com o objetivo de atingir a representatividade amostral, como é descrito também no estudo de Bardagi et al (2015) em um estudo de levantamento com docentes de Avaliação Psicológica em todo Brasil, a participação de docentes foi, tal qual em sua pesquisa, inferior ao prospectado. Observa-se a baixa aderência dos Cursos de Graduação em Psicologia, em geral, de participarem e divulgarem pesquisas, e pouco engajamento dos professores de Avaliação Psicológica em contribuir com a produção de conhecimento científico respondendo estudos e pesquisas relacionadas a sua prática. Entende-se que os objetivos do estudo foram alcançados, porém avalia-se que nem todos os dados apresentados podem representar a população de docentes do Estado de Santa Catarina, devido ao perfil científico e profissional que se estabelece a partir da caracterização das docentes participantes. Por fim, assinala-se que os dados e discussões nesse artigo apresentados demonstram-se substanciais, porém requerem outras pesquisas complementares que possam abranger um maior número da população de docentes de Avaliação Psicológica em Santa Catarina.

Um dos objetivos do estudo foi identificar o perfil científico profissional dos docentes que ministram disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica nos cursos de graduação em Psicologia. A partir dos dados obtidos, tal perfil delineou-se com 53,8% das docentes com curso de especialização *lato sensu* e 38,4% com outros cursos de aperfeiçoamento profissional. A maior titulação das docentes dividiu-se em 38,4% com maior titulação em mestrado, 38,4% com maior titulação em doutorado e 15,3% com maior titulação em pós-doutorado. Das participantes, 84,6% realizam atividades para além da docência, o que demonstra relevante envolvimento das docentes pesquisadas com outras áreas de atuação profissional. A média de tempo no qual as docentes são formadas em Psicologia é de 17 anos, lecionando em cursos de graduação em Psicologia há, em média, 12,2 anos, e lecionando temáticas afins a Avaliação Psicológica há, em média, 8,6 anos.

Contudo, é importante ressaltar que a elevada titulação das docentes talvez se deva à constituição particular da amostra pesquisada, ou seja, não necessariamente esses dados representam a totalidade de docentes de Avaliação Psicológica do Estado de Santa Catarina. Bardagi et al (2015) descreve a mesma dificuldade de engajamento dos professores em participar de sua pesquisa, avaliando que é provável que os docentes mais engajados e atuantes na Avaliação Psicológica sejam aqueles que apresentam maior interesse em participar de estudos, e que esse perfil pode estar distante da realidade dos demais cursos de Psicologia, no Brasil. No caso do presente estudo, os resultados convergiram para o identificado na pesquisa de Bardagi et al (2015), indicando que outros estudos com maior número de participantes podem complementar os dados obtidos acerca do perfil científico profissional das docentes que ministram disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica nos cursos de graduação em Psicologia no Estado de Santa Catarina.

Ainda no que se refere ao perfil científico profissional das docentes pesquisadas, 92,85% declarou ter envolvimento científico com a Avaliação Psicológica. A atividade científica mais praticada é a orientação de pesquisas na área (35,71%), seguida da publicação de artigos (25%). Dessa forma, identifica-se engajamento científico com a área da Avaliação Psicológica, que perpassa as atividades docentes e circula por outros espaços profissionais. Nesse aspecto, Bardagi et al (2015) refere que esse perfil docente favorece o ensino mais consistente e atualizado das temáticas afins à Avaliação Psicológica. Entretanto, cabe ressaltar a escassez no envolvimento das docentes no que se refere a dedicação e interesse na construção de instrumentos de medida psicológica,

psicológicas é incipiente e reflete a ausência ou escassez dessa temática nas grades curriculares dos cursos de graduação em Psicologia.

Cabe ressaltar ainda que, apenas uma ementa, das 18 identificadas, prevê a construção de instrumentos psicológicos como atividade formativa. Por outro lado, nas ementas e objetivos analisados, 11 menções relacionam o processo de conhecer instrumentos de Avaliação Psicológica a exclusivamente manusear, aplicar e corrigir testes psicológicos. Entretanto, entende-se que o processo de conhecer testes psicológicos perpassa, fundamentalmente, pelo conhecimento da Psicometria, isto é, da ciência que fundamenta, estuda, constrói e aperfeiçoa instrumentos de medidas psicológicas.

Ainda sobre a predominância dos procedimentos de testagem psicológica nas ementas e objetivos pesquisados, em relação a um entendimento da Avaliação Psicológica como um processo, 2 ementas e 10 objetivos prospectam atividades práticas formativas nas disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica lecionadas pelas docentes participantes, todavia, das 12 menções a atividades práticas identificadas, 58,3% estão relacionadas a aplicação e correção de testes psicológicos e somente 8,3%, estão relacionadas ao planejamento, execução e avaliação de um processo de Avaliação Psicológica completo.

Bardagi et al (2015), ao mapearem o perfil dos docentes que ensinam Avaliação Psicológica em cursos de graduação em Psicologia no Brasil, constataram que os conteúdos mais trabalhados em sala de aula foram a elaboração de informes psicológicos (78,7%), seguidos pelos aspectos do psicodiagnóstico e fundamentos teóricos de testes psicológicos ensinados, ambos com 72,3% de frequência. No que se refere as atividades práticas e de supervisão, a correção e interpretação de testes foi a atividade mais frequentemente realizada (87,2%), seguida pela apresentação de estudos de casos com 78,7% de frequência nas respostas. A realização de um processo de Avaliação Psicológica completa, no processo de ensino, teve a incidência de 53,2% das respostas em sua pesquisa. Apesar dos resultados apontarem para a realização de Avaliações Psicológicas completas em pouco mais da metade da frequência de respostas, no presente artigo parte-se do princípio de que tal índice é insatisfatório, isto é, que tal resultado mostra-se insuficiente e demonstra que o ensino da Avaliação Psicológica ainda é realizado de maneira fragmentada, entendimento defendido também por Noronha e Reppold (2010) e Noronha et al (2005).

Noronha et al (2005) discutem a ênfase nos procedimentos de testagem no ensino da Avaliação Psicológica, descrevendo que, embora a Avaliação represente um dos

principais pontos na formação em Psicologia, contemplando diversas temáticas, conteúdos e desenvolvendo habilidades e competências importantes para a prática profissional, ainda é considerada e praticada como o ensino de testes psicológicos (ALCHIERI e BANDEIRA, 2002). De acordo com Noronha et al (2005), pouco se tem produzido para nortear os processos de ensino para além do manuseio dos testes psicológicos, e essa realidade de escassez é retratada ainda hoje quando observam-se os dados obtidos nesse estudo, que convergem em direção a premissa de que os psicólogos brasileiros não são formados para pesquisar e construir materiais (NORONHA e REPPOLD, 2010). Tal condição é expressa nos processos de ensino da Avaliação Psicológica, com ênfase tecnicista, com predominância do manuseio, aplicação e correção de testes psicológicos; na escassez da psicometria e dos processos de construção de medidas psicológicas nas grades curriculares das universidades; bem como na baixa dedicação dos professores de Avaliação Psicológica para com a construção de instrumentos de medida. Convergingo com o exposto por Freires et al (2017), analisando as ementas das disciplinas de Avaliação Psicológica no Norte brasileiro, a fundamentação em psicometria é um tópico ainda secundário da formação em Avaliação Psicológica no Norte, tal qual é em Santa Catarina.

No que se refere às cargas horárias destinadas à temática da Avaliação Psicológica, os cursos de graduação em Psicologia pesquisados contam com, em média, 3,6 disciplinas/ unidades de aprendizagem afins à Avaliação Psicológica, com carga horária média de 112,3 horas. As docentes declaram ministrar cerca de 2,3 disciplinas/ unidades de aprendizagem, dedicando em média 53,6 horas de trabalho voltadas à temática da Avaliação. Todavia, ao serem questionadas acerca da carga horária total desejada para disciplinas/ unidades de aprendizagem afins à Avaliação Psicológica (Tabela 1), partindo das diretrizes estabelecidas por Nunes et al (2012), as docentes pesquisadas indicam um desejo de serem destinadas 481,5 horas para abordar com qualidade todas as temáticas afins à avaliação.

Constata-se uma discrepância entre a carga horária média oferecida pelos cursos de graduação em Psicologia, no que tange aos conteúdos relacionados à Avaliação Psicológica, e o desejo das docentes, isto é, na perspectiva da amostra pesquisada, as temáticas afins à Avaliação Psicológica não são suficientemente abordadas e aprofundadas nos cursos de graduação em Psicologia do Estado de Santa Catarina. Considerando a Resolução CNE 002/2007, que dispõe o total de 4.000 horas mínimas para compor a grade curricular dos cursos de Psicologia, verifica-se o desejo das docentes

de que os conteúdos afins à Avaliação Psicológica componham cerca de 12% das horas curriculares, condição pouco viável de se operacionalizar, dada a extensão da Psicologia como ciência e sua diversidade de temas afins e transversais .

Cabe ressaltar ainda, que os dados indicam necessidade de aumento de carga horária de grande parte das temáticas elencadas por Nunes et al (2012) e apresentadas no instrumento de coleta de dados às docentes, principalmente nas temáticas que envolvem testes projetivos e expressivos gráficos; psicometria e o processo de construção de testes psicológicos e testes objetivos para avaliação cognitiva.

Tabela 1- Carga horária desejada para cada temática de Avaliação Psicológica

Temáticas afins à Avaliação Psicológica (NUNES ET AL, 2012)	Carga horária desejada
Testes projetivos e expressivos gráficos	63,4 horas
Psicometria e o processo de construção de testes psicológicos	46,8 horas
Testes objetivos para avaliação cognitiva	45 horas
Testes objetivos para avaliação afetiva comportamental	45 horas
Avaliação Psicológica enquanto processo	37,7 horas
Planejamento de avaliações psicológicas	36,5 horas
Aspectos éticos da Avaliação Psicológica e direitos humanos	36,1 horas
Psicodiagnóstico	35,2 horas
Teorias da entrevista psicológica	27,2 horas
Teorias sobre a observação do comportamento	22,7 horas
Informes Psicológicos	20,2 horas
Perícia Psicológica	19,4 horas
Aspectos legais e legislativos da Avaliação Psicológica	19,1 horas
Avaliação Psicológica em âmbitos variados	15,7 horas
História da Avaliação Psicológica	11 horas

Fonte: Elaborada pelas autoras (2018)

O terceiro objetivo do estudo constituiu-se em identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes catarinenses no ensino da Avaliação Psicológica. Dessa forma, conforme a Tabela 2, a aula expositiva/dialogada, seguida dos seminários em grupo, são as estratégias de ensino predominantemente utilizadas. Observa-se a realização de pesquisa científica e a construção de instrumentos de medida psicológica como as estratégias de ensino menos utilizadas pelas docentes, o que indica mais uma vez o distanciamento do processo de ensino aprendizagem em Avaliação Psicológica da produção de conhecimento científico e instrumentos de avaliação, bem como a pouca carga horária dedicada na graduação a essas atividades fundamentais para a construção de uma Psicologia como ciência e profissão.

Tabela 2- Estratégias de ensino utilizadas no ensino da Avaliação Psicológica

	Aspectos históricos da Avaliação Psicológica	Aspectos legais e legislativos da Avaliação Psicológica	Aspectos éticos da Avaliação Psicológica e sua relação com os direitos humanos	Avaliação Psicológica enquanto processo	Psicomетria e o processo de construção de testes psicológicos	Testes objetivos para avaliação cognitiva	Testes objetivos para avaliação afetiva comportamental	Testes projetivos e expressivos gráficos	Planejamento de avaliações psicológicas	Psicodiagnóstico	Informes Psicológicos	Avaliação Psicológica em âmbitos variados	Teorias da entrevista psicológica	Teorias sobre a observação do comportamento	Perícia Psicológica	Outras	Total
Aula expositiva/dialogada	8	7	8	9	5	5	4	4	7	5	5	4	5	5	3	2	86
Seminários em grupos	2	7	6	4	2	1	3	3	4	4	3	4	2	2	1	1	49
Estudos de caso/ Oficinas/ Grupo de estudos	1	3	2	4	1	3	2	3	3	2	3	2	1	0	2	1	33
Auxílio de monitores	1	1	2	3	3	4	3	2	4	3	2	1	1	0	0	1	31
Aplicação e correção de testes	1	2	2	3	1	6	5	5	0	2	2	1	0	0	0	0	30
Estágio supervisionado	0	2	1	2	2	4	3	1	1	0	1	0	0	1	0	2	20
Realização de pesquisa científica	0	2	0	4	3	1	1	1	2	1	0	1	0	1	0	0	17
Construção de instrumentos de medida	0	0	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Não leciono sobre essa temática	2	1	1	0	3	1	3	4	2	4	3	4	4	3	6	6	47

Fonte: Elaborada pelas autoras (2018)

Castro (2013) discute, ao caracterizar o ensino da Avaliação Psicológica no Estado de São Paulo, que as estratégias de ensino utilizadas no ensino da Avaliação Psicológica, tangem-se, prioritariamente, a associação de aulas expositivas, atividades práticas e supervisão (36,0%), seguidas da associação de aulas expositivas, seminários e atividades práticas (30,1%). Observa-se, neste ponto, uma aproximação da realidade amostral pesquisada em Santa Catarina, sendo a aula expositiva dialogada a estratégia predominantemente utilizada, seguida de outras estratégias que também se aproximam daquelas identificadas em São Paulo. As atividades práticas, na pesquisa realizada por Castro (2013), são predominantemente voltadas à aplicação de testes psicológicos em colaboradores e pacientes, convergindo para o identificado no estudo em Santa Catarina, sendo uma estratégia de ensino corriqueiramente utilizada nas universidades.

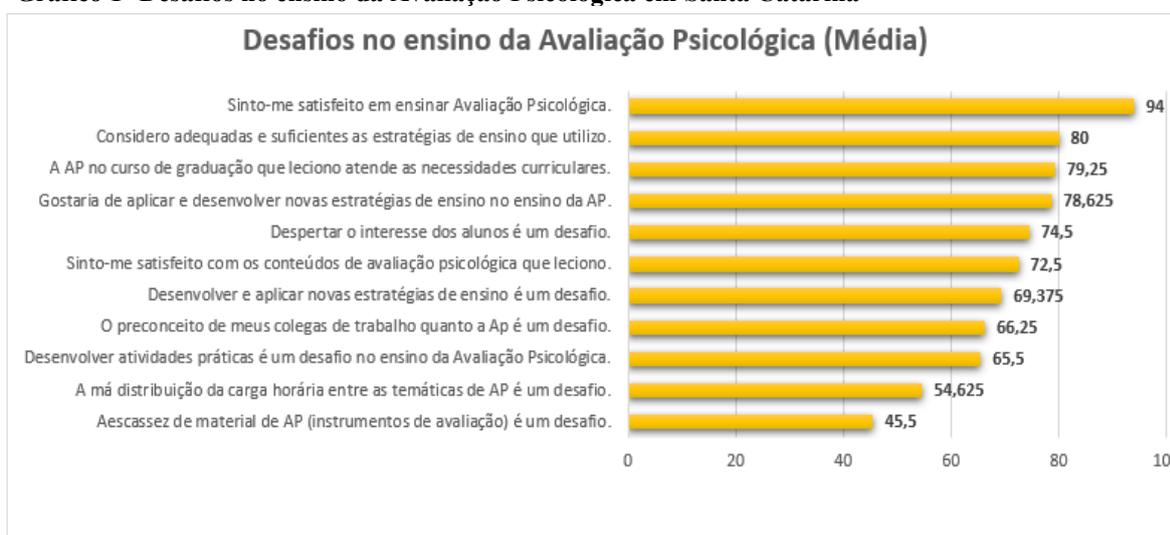
Sbardelini (1991 apud NORONHA et al, 2005) refere a formação carente do profissional da Avaliação Psicológica como ponto determinante para o uso inadequado e mecânico dos testes psicológicos. Dessa forma, o como ensinar e o que ensinar são aspectos fundamentais no processo de ensino da Avaliação Psicológica e, mais especificamente, dos procedimentos de testagem, uma vez que o ensino dos testes psicológicos pensado de forma isolada, mecanicista e acrítica, restringindo-se a meras repetições dos manuais, dificulta que o aluno aprenda a pensar sobre estratégias e métodos de avaliação psicológica, avalie psicometricamente os instrumentos de medidas psicológicas e avalie as limitações, alcances, profundidades e extensões da aplicação (ou não) dos testes psicológicos (SBARDELINI, 1991 apud NORONHA ET AL, 2005).

Para isso, fazem-se necessárias estratégias de ensino que compreendam a Avaliação Psicológica como um processo, observando a importância da psicometria e dos processos de construção de medidas psicológicas como competência primordial, para que os testes psicológicos possam ser compreendidos de maneira crítica e fundamentada. Nessa perspectiva, ressalta-se a relevância de utilizar estratégias de ensino que sustentem o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia instituem, isto é, a importância do tripé ensino, pesquisa e exercício da prática profissional, para que seja possível desenvolver um pensar mais crítico e fundamentado acerca da Avaliação Psicológica, dentro e fora das salas de aula, dentro e fora dos muros das Instituições de Ensino Superior.

No que se refere aos desafios percebidos pelos docentes no ensino da Avaliação Psicológica, foi possível constatar que a satisfação em ensinar conteúdos relacionados à Avaliação Psicológica não se configura como um desafio para as docentes pesquisadas, isto é, em um nível de mensuração intervalar (0 a 100), em que zero representa total ausência do item, e 100 total presença do item, em média, o nível de satisfação em ensinar Avaliação Psicológica entre as docentes pesquisadas é de 94. Apesar dos resultados da pesquisa apontarem para as aulas expositivas/ dialogadas e seminários em grupo como estratégias de ensino predominantes, conforme tabela 1, observa-se que a dificuldade de adotar outras estratégias de ensino, inclusive a construção de instrumentos de medidas psicológicas e pesquisa científica, não demonstra ser um desafio significativo no ensino da Avaliação Psicológica para as docentes pesquisadas, pois, conforme demonstra o gráfico 1, o item “considero adequadas e suficientes as estratégias de ensino que utilizo” apresenta média de respostas 80, indicando que, para os docentes, desenvolver novas estratégias de ensino não configura-se como um desafio.

Embora tenha sido declarado pelas docentes que a carga horária destinada a conteúdos de Avaliação Psicológica é insuficiente para trabalhar os conteúdos afins à área do conhecimento, é declarado, em um nível de mensuração intervalar (0 a 100), com uma média de 79,25, que os cursos de graduação em que lecionam as docentes pesquisadas atendem as necessidades curriculares. Cabe ressaltar para além disso, que despertar o interesse dos alunos para a Avaliação Psicológica, bem como o preconceito dos colegas de trabalho configuram-se como um desafio para as docentes pesquisadas, conforme o Gráfico 1, porém não superam a satisfação das docentes em ensinar Avaliação Psicológica.

Gráfico 1- Desafios no ensino da Avaliação Psicológica em Santa Catarina

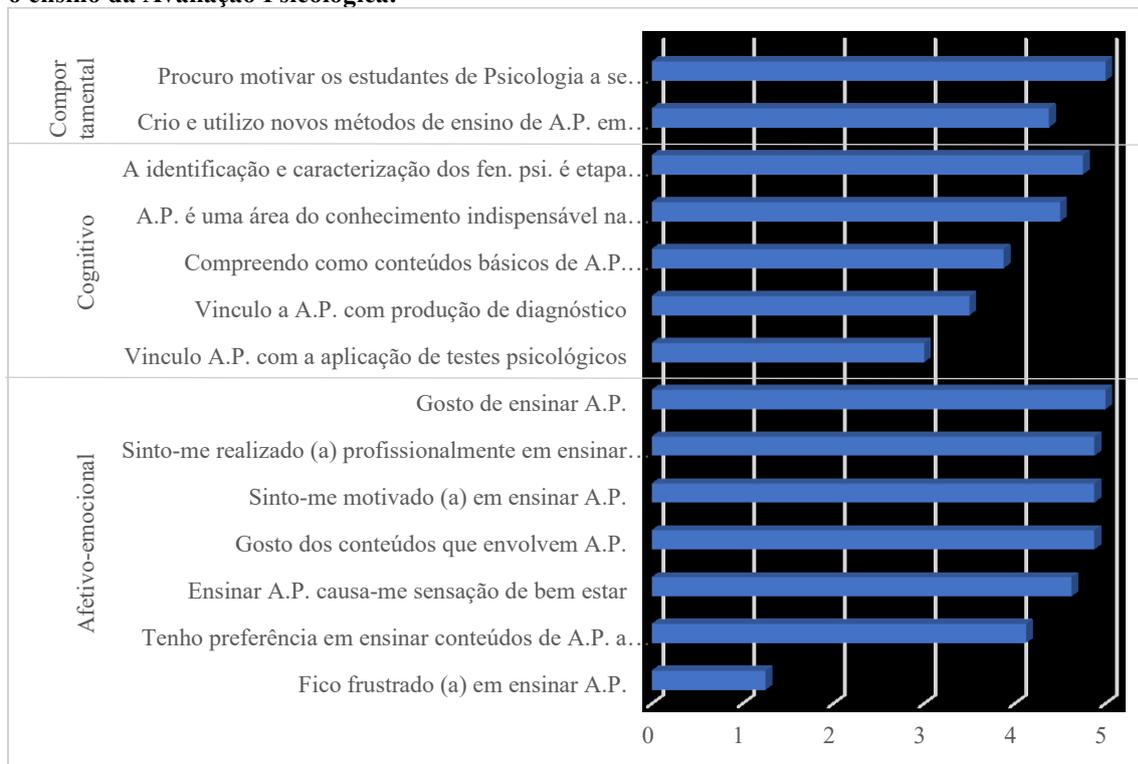


Fonte: Elaborada pelas autoras (2018)

Ainda no que se refere aos desafios encontrados no ensino da Avaliação Psicológica em Santa Catarina, cabe pontuar que o único item assinalado, em um nível de mensuração intervalar (0 a 100), como sendo o menor desafio a ser superado pelas docentes pesquisadas, com uma média de 45,5, foi a escassez de material (instrumentos de Avaliação Psicológica). Nesse aspecto, entende-se que, apesar dos dados da pesquisa terem apontado, no geral, para uma tendência ainda expressiva para os procedimentos de testagem psicológica, a escassez de testes psicológicos e outros instrumentos de avaliação não são percebidos como um desafio expressivo para as docentes, ou porque nas instituições que lecionam essa escassez de testes psicológicos não é relevante, ou ainda, porque parte-se do princípio de que o manuseio, aplicação e correção de testes psicológicos é uma estratégia de ensino secundária no ensino da Avaliação Psicológica como um processo.

Diante dos desafios discutidos, faz-se importante identificar a atitude da amostra pesquisada frente ao ensino da Avaliação Psicológica, aspecto que desenhcou o último objetivo do estudo (Gráfico 2). A atitude das docentes pesquisadas foi identificada a partir de uma escala de 5 pontos, na qual 1 representava total discordância com o item/preposição e 5 representava total concordância com o item/preposição. Nesse sentido, identificou-se que toda a amostra pesquisada declara gostar de ensinar Avaliação Psicológica e motivar os estudantes dos cursos de graduação em que lecionam a se interessarem por essa área do conhecimento e atuação, ambas atitudes com uma média de 5 pontos. A realização profissional e a motivação vinculadas ao ensino da Avaliação Psicológica, bem como o gosto pelos conteúdos lecionados, foram aspectos apresentados pelas docentes com uma média de identificação de 4,8 pontos. Cabe ainda ressaltar que a sensação de bem-estar em ensinar Avaliação Psicológica obteve um índice médio de concordância de 4,6, demonstrando uma atitude positiva para com o ensino da Avaliação vinculada a aspectos de motivação, bem-estar e realização.

Gráfico 2- Escala de atitude: Relação afetiva-emocional, cognitiva e comportamental das docentes com o ensino da Avaliação Psicológica.



Fonte: Elaborada pelas autoras (2018)

Outros dois pontos são relevantes de serem ressaltados: o primeiro deles é o índice médio de concordância para a preposição “compreendo como conteúdos básicos de Avaliação Psicológica a estatística e psicometria”, que atingiu uma média de

concordância de 3,8. O segundo ponto a ser destacado compreende a vinculação da Avaliação Psicológica com aplicação de testes psicológicos, ou produção de diagnóstico (média de concordância de 3 e 3,5, respectivamente). A partir desses indicativos, compreende-se que, para parte da realidade amostral, a psicometria e o processo de construção de medidas psicológicas não se configuram como temáticas fundamentais, ou ainda como conteúdos básicos no ensino da Avaliação, fator que é, ao longo do estudo, identificado, quando observado o distanciamento da amostra pesquisada com temáticas que tangem a psicometria. Tal fator pode ser identificado por meio da escala de atitudes, bem como quando estudados aspectos referentes às ementas e objetivos, cargas horárias destinadas e desejadas e estratégias de ensino utilizadas. Contudo, no que se refere a vinculação direta entre Avaliação Psicológica e utilização de testes, ou ainda com a produção de diagnósticos, o índice médio não se demonstra mais relevante do que a associação da psicometria como conteúdo básico da Avaliação, fator que indica evolução naquilo que Gouveia (2009) indica como crescimento horizontal da Avaliação Psicológica.

Dessa forma, é constatável, por meio da Escala de Atitudes, uma atitude positiva da realidade amostral das docentes que ministram conteúdos afins à Avaliação Psicológica em Santa Catarina frente ao Ensino da Avaliação Psicológica. Observa-se que essa atitude positiva se apresenta atrelada a fenômenos como bem estar no trabalho e satisfação profissional e entende-se que essa atitude positiva é fomentadora de um crescimento da Avaliação Psicológica e da Psicologia como ciência e profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos do estudo, apesar das limitações de não ter atingido uma representatividade amostral, a pesquisa apresentou resultados significativos que contribuem com os estudos que vem sendo feitos nos últimos anos (ALVES, ALCHIERI e MARQUES, 2002; NORONHA ET AL, 2005; PAULA, PEREIRA E NASCIMENTO, 2007; NORONHA E REPPOLD, 2010; PRIMI,2010; CASTRO,2013; BARDAGI ET AL, 2015; FREIRES ET AL, 2017). No que se refere ao perfil acadêmico e científico das docentes em Santa Catarina, é possível ressaltar a alta titulação das participantes da pesquisa, em contrapartida ao baixo envolvimento destas com a pesquisa científica e, sobretudo, com a construção de instrumentos de medidas psicológicas. Cabe chamar a atenção para uma realidade amostral comprometida em responder pesquisas científicas,

afim de contribuir com a produção de conhecimento científico no campo da Avaliação Psicológica. Contudo, este último fator, assim como descreve Bardagi et al (2015), provavelmente não reflete a população de docentes do Estado de Santa Catarina.

Observou-se, como resultado da pesquisa, que o ensino da Avaliação Psicológica em Santa Catarina caracteriza-se ainda em um movimento predominantemente tecnicista, com um enfoque maior na testagem psicológica. Tal aspecto, amplamente discutido ao longo deste artigo, ampara-se nos resultados obtidos a partir dos estudos das ementas e objetivos das disciplinas/ unidades de aprendizagem de Avaliação Psicológica ministradas pelas docentes pesquisadas, cargas horárias destinadas e desejadas para essas temáticas, estratégias de ensino aplicadas, desafios e atitudes relacionados ao ensino da Avaliação.

Embora seja possível observar uma mobilização reflexiva, em direção a uma Avaliação Psicológica crítica e fundamentada, parte-se do princípio de que, tal qual versa Gouveia (2009), a Avaliação Psicológica deve expandir-se em um crescimento horizontal, para além da simples aplicação e correção de testes psicológicos, mas fundamentalmente como uma área do conhecimento articulada a pensar criticamente sobre o processo complexo que é conhecer os fenômenos e processos psicológicos, propor mudanças, criar e aprimorar instrumentos de medidas, a serviço dos sujeitos e sociedade, e esse crescimento horizontal, no Estado de Santa Catarina, vem se desenvolvendo gradativamente. Dessa forma, observa-se que a aproximação dos docentes de Avaliação Psicológica com a psicometria, com o processo de construção de medidas psicológicas e estatística, tal qual a compreensão desses docentes de uma Avaliação Psicológica como um processo complexo, quem tem como objetivo conhecer os fenômenos e processos psicológicos, fazer de todo psicólogo, são compreensões cruciais que fundamentam um ensino e um fazer em Avaliação Psicológica consistentes.

Quanto a carga horária média destinada a temáticas afins à Avaliação Psicológica nos cursos de graduação nos quais lecionam as docentes pesquisadas é de 112,3 horas, e deseja-se que essa carga horária seja aumentada para 481,5 horas, observa-se que um ensino de uma Avaliação Psicológica orientada pela testagem psicológica terá constantemente a necessidade de mais horas aula, para trabalhar-se mais testes psicológicos. Não obstante, um ensino da Avaliação Psicológica, fundado na compreensão da Avaliação em sua complexidade, voltado o olhar crítico ao fazer psicológico nesta área do conhecimento e atuação, pautado no ensino da ciência que fundamenta, cria, estuda e aprimora testes psicológicos, a psicometria, não se farão mais

necessárias mais horas aulas para o ensino de testes psicológicos, e o ensino da Avaliação Psicológica será de fato suficiente e norteador para práticas críticas e fundamentadas em todas as áreas do conhecimento e campos de atuação da Psicologia.

Por fim, chama a atenção o baixo engajamento dos professores de Avaliação Psicológica e dos cursos de graduação em Psicologia de Santa Catarina e suas coordenações com pesquisas e estudos voltados para o processo de ensino. Decorrente a não colaboração da grande maioria das Instituições de Ensino Superior de Santa Catarina contatadas, não foi possível mapear a população de docentes de Avaliação Psicológica de Santa Catarina, nem tampouco alcançá-la. Esse estudo contou com número baixo de respondentes, tendo em vista as amplas estratégias de divulgação da pesquisa e o número de *e-mails* disparados para sujeitos que conhecidamente se encaixariam nos critérios para participarem desse estudo. Tal fator é discutido por Bardagi et al (2015), em um estudo de abrangência nacional, como aspecto importante a ser ressaltado, demonstrando que o fenômeno do baixo engajamento é característico dos professores de Avaliação Psicológica no país.

REFERÊNCIAS

ALCHIERI, João Carlos; BANDEIRA, Denise Ruschel. Ensino da Avaliação Psicológica no Brasil. In: **Temas em Avaliação Psicológica**. PRIMI, Ricardo (org). Campinas, Impressão Digita, do Brasil. 2002. P. 11-22.

ALVES, Irai Cristina Boccato; ALCHIERI, João Carlos; MARQUES, Keila Cristina. As técnicas de exame psicológico ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores. **Psico-USF**. 2002 v.7, n.1, p. 77-88. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nex tAction=lnk&exprSearch=350545&indexSearch=ID>> Data de acesso: 19/03/18.

ANASTASI, Anne; URBINA, Susana. 7^oed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000 **Testagem psicológica**

BARDAGI, Marucia Patta; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira, SEGABINAZI, Joice Dickel, SCHELINI, Patrícia Waltz; NASCIMENTO, Elizabeth do. Ensino da avaliação psicológica no Brasil: levantamento com docentes de diferentes regiões. **Avaliação Psicológica**, 2015, 14(2), pp. 253-260. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v14n2/v14n2a11.pdf> Data de acesso: 19/03/18.

CASTRO, Paulo Francisco de. Caracterização do ensino de avaliação psicológica no estado de São Paulo. Bol. **psicol [online]**. 2013, vol.63, n.138, pp. 81-102. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432013000100008> Data de acesso: 19/03/18.

CFP. **Conselho Federal de Psicologia**. Resolução nº 09, de 25 de abril de 2018. Disponível em: <http://satepsi.cfp.org.br/docs/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-comanexo.pdf> Data de acesso: 05/05/2018

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Cartilha Avaliação Psicológica-2013. 1. ed. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2013/12/Avaliac%CC%A7aopsicologicaCartilha1.pdf>>. Data de acesso: 25/04/2018

CRUZ, Roberto Moraes. Formação científica e profissional em Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s.l.], v. 36, n. 1, p.3-5, mar. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003512016>

CRUZ, Roberto Moraes. O processo de conhecer em Avaliação Psicológica. In: CRUZ, Roberto Moraes; ALCHIERI, João Carlos; JR, Jamir João Sardá. **Avaliação e Medidas Psicológicas: Produção do Conhecimento e da Intervenção Profissional**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 15-24.

FREIRES, Leogildo Alves; FILHO, José Humberto da Silva; MONTEIRO, Renan Pereira; LOURETO, Gleidson Diego Lopes; GOUVEIA, Valdiney Veloso. Ensino da avaliação psicológica no Norte brasileiro: analisando as ementas das disciplinas. **Avaliação Psicológica**, p. 205-214, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712017000200012 Data de acesso: 25/04/2018

FRIZZO, Nádia Pereira. Infrações éticas, formação e exercício profissional em psicologia. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, **Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, SC, Brasil, 2004. Disponível em: <http://fatorhumano.paginas.ufsc.br/files/2010/12/N%C3%A1dia-PaulaFrizzo.pdf> Data de acesso: 25/04/2018

GOUVEIA, Valdiney V. A Avaliação Psicológica no Brasil: caminhos, desafios e possibilidades. **Psicologia em Foco**, v.2, nº1, Aracajú, 2009.

HUTZ, Claudio Simon. O que é avaliação psicológica- métodos, técnicas e testes. In: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcell. **Psicometria**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 11-22.

HUTZ, Claudio Simon. Questões éticas na Avaliação Psicológica. In: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcell. **Psicometria**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 165-174

LO BIANCO, Anna Carolina; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt; NUNES, Maria Lúcia Tiellet; SILVA, Rosalina Carvalho da. Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica: implicações para a formação. In: **Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. Casa do psicólogo, 2º Ed. São Paulo, 1994.

MEC. Ministério da Educação. Instituições Credenciadas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/instituicoes-credenciadas-sp-1781541355>> Data de Acesso: 15/05/2018.

MEC. Ministério da Educação. Resolução nº 02, de 18 de junho de 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf> Data de acesso: 18/09/2018.

MEC. Ministério da Educação. Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. **Conselho nacional de educação**, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692rces005-11-pdf&Itemid=30192> Data de acesso: 20/03/2018

NORONHA, Ana Paula Porto. **Docentes de Psicologia: formação profissional. Estudos de Psicologia**, 2003, 8(1), 169-173. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17247.pdf>. Data de acesso: 19/03/18.

NORONHA, Ana Paula Porto; BATISTA, Marcos Antônio; CARVALHO, Laura de; COBÊRO, Cláudia; CUNHA, Neide Brito; DELL'AGLIA, Betânia Alves Veiga; FILIZATTI, Roseli; ZENORINI, Rita da Penha Campos; SANTOS, Marcelo Mende dos. Ensino da avaliação psicológica em Instituições de Ensino Superior Brasileiras. **Universitas Ciências da Saúde**, 2005, vol 03, nº01, 01-14. Disponível em: <<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/viewFile/543/363>> Data de acesso 21/03/18.

NORONHA, Ana Paula Porto; CARVALHO, Lucas Francisco de; MIGUEL, Fabiano Koich; SOUZA, Mayra Silva de; SANTOS, Marco Antônio dos. Sobre o ensino da avaliação psicológica. **Avaliação Psicológica**, p. 139-146, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n1/v9n1a15.pdf> Data de acesso: 20/04/2018.

NORONHA, Ana Paula Porto; NUNES, Maiana Farias Oliveira; AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo. Importância e domínios da avaliação psicológica: um estudo com alunos de psicologia. **Paidéia**, São Paulo, 2007, pp. 231- 244. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n37/a07v17n37.pdf>> Data de acesso: 21/03/2018.

NORONHA, Ana Paula Porto; REPPOLD, Caroline Tozzi. Considerações Sobre a Avaliação Psicológica no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2010, 30 (Número Especial), 192-201. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30nspe/v30speca09.pdf>> Data de acesso: 19/03/18.

NUNES, Maiana Farias Oliveira; MUNIZ, Monalisa; REPPOLD, Caroline Tozzi; FAIAD, Cristiane; BUENO José Maurício Haas; NORONHA, Ana Paula Porto. Diretrizes para o ensino de avaliação psicológica. **Avaliação Psicológica**, 2012, 11(2), pp. 309-316. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v11n2/v11n2a16.pdf>> Data de acesso: 19/03/18.

PAULA, Alessandro Vinicius de; PEREIRA, Arlete Santana e NASCIMENTO, Elizabeth do. Opinião de alunos de psicologia sobre o ensino em avaliação psicológica. **Psico-USF (Impr.)** [online]. 2007, vol.12, n.1, pp.33-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712007000100005&lng=pt&nrm=iso> Data de acesso: 19/03/18.

PRIMI, Ricardo. Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o Futuro. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, 2010, Vol. 26, nº especial, pp. 25-35. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722010000500003&script=sci_abstract&lng=pt> Data de acesso: 20/03/18.

PRIMI, Ricardo; NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva. Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. In: **CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA**. Avaliação Psicológica: Diretrizes na Regulamentação da Profissão.

1. ed. Brasília, DF: CFP, 2010. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2010/09/avaliacao_psicologica_web_30-08-10.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

REPPOLD, Caroline Tozzi; GURGEL, Léia Gonçalves. Testes psicológicos disponíveis no Brasil- o Satepsi. In: HUTZ, Claudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcelli. **Psicometria**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. p. 11-22.

SILVA, Maria Cecília Vilhena Moraes Silva. **História dos Testes Psicológicos**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2011